



Prova de Língua Portuguesa
Para Acesso aos Cursos de Mestrado Habilitantes para a Docência

Candidatura de 2024

Prova de Língua Portuguesa (Prova-Modelo)

Tempo para realização da prova: 2 horas. Tolerância: 30 minutos.

Material admitido: exclusivamente material de escrita.

PARTE I

O texto abaixo transcrito, da autoria de João Lobo Antunes (que foi um reputado neurocirurgião e professor universitário) é um excerto do seu discurso proferido no Dia do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, em 15 de Maio de 1998. Leia-o atentamente.

Elogio da dificuldade

Ao ensaiar aqui o elogio da dificuldade, insistindo em fastidioso refrão, que a cultura da facilidade não é adequada para o que espera as gerações que vamos lançando ao mundo, eu não pretendo menosprezar a dificuldade de educar. Escreveu Barzun, um dos educadores em que mais busco inspiração, que as dificuldades de ensinar nunca desaparecerão. Dificuldades, notem, não problemas: os problemas apagam-se com o tempo; as dificuldades permanecem. Será sempre difícil ensinar a ler, escrever e contar com facilidade e competência, a adquirir um sentido da história, a desenvolver o gosto pela literatura e pelas artes. Ensinar será sempre dizer a outro como deve pensar e comportar-se. É uma imposição, uma invasão da privacidade, uma violação da vontade.

Parte da dificuldade nasce do desajustamento entre as preferências dos professores e as expectativas dos alunos. Nós vivemos no mundo dos conceitos e das abstracções, mais ocupados pelas leis gerais do que pelas minúcias do particular, assumindo, talvez erradamente, que os alunos apreciam tanto como nós a autonomia e a independência indispensáveis ao trabalho do espírito. A verdade é que os alunos estão ainda num outro estágio: preferem o mundo das experiências concretas, de valor prático, directamente aplicável, e, fundamentalmente, escolhem também o de que já sabem que gostam, sem se darem ao trabalho, mais árduo, de tentar as experiências que lhes mudarão o gosto. [...]

Vivemos no limiar de uma era de potencialidades sem fim, a da sociedade da informação. Saber e informação não são sinónimos. Informação é o conhecimento arquivado, disponível e partilhável. O saber é informação temperada com um componente volitivo e um *vibrato* de emoção, que o torna actuante e útil. O saber é mais fácil de reconhecer do que a ignorância, que é um buraco disfarçado que nos engole quando menos esperamos. Quantas vezes, no acto de ensinar, eu tropeço por dentro do meu discurso, subitamente incerto da verdade do que estou

a dizer — será assim, ainda será assim? É por isso que é importante vivermos de olhos abertos para a eterna capacidade de nos surpreendermos.

Wisława Szymborska, poetisa polaca que especialmente admiro, dizia em 1996, no seu discurso Nobel, que a inspiração, que ela entendia não ser dom exclusivo dos poetas, mas algo que habita todos aqueles que exercem o seu trabalho com amor e imaginação, nascia de um eterno «eu não sei».

Sempre me irritou a exigência de que as matérias a leccionar fossem geometricamente circunscritas e, depois de gravadas, empacotadas em transcrições feridas das naturais imperfeições de um discurso espontâneo. Mais me repugna, ainda, a tendência a decompor o saber em listas de factos e manobras, que cumpram um rol de objetivos, que obedeçam às linhas de um qualquer perfil desenhado em rotineira sequência, abençoado pela nova pedagogia quadrada, isenta de erro ou omissão.

Vou contar-vos uma história. Há alguns anos operei um velho capelão de uma instituição religiosa a um problema de coluna. Antes da intervenção, porque as dores eram difíceis de suportar, o seu sermão era rápido, quase fulminante, o que, dados os limitados dotes de eloquência do sacerdote, era aceite de bom grado pela comunidade. Curado dos seus males, o sermão passou a alongar-se de tal modo que as religiosas se dedicavam durante esse período às mais diversas tarefas. Finalmente, a madre superiora pediu-me que interviesse, persuadindo o capelão a ser menos loquaz. Quando o fiz, ele respondeu-me simplesmente: «O Senhor Professor bem vê, eu tenho que lhes dar uma papinha teológica...»

A escola pode alimentar-vos com papas, mas, quando daqui saírem, verão que a dieta é outra, e terão de aprender a caçar por vós, segundo regras diferentes de trabalho e de convívio.

João Lobo Antunes, «Elogio da dificuldade» (excerto), in *Numa Cidade Feliz — Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 1999

Após a leitura, responda às seguintes questões:

1. Explique o sentido das frases «Ensinar será sempre dizer a outro como deve pensar e comportar-se. É uma imposição, uma invasão da privacidade, uma violação da vontade». (Máx. 10 linhas)
2. Indique que factores são apontados no texto como parte da dificuldade de ensinar. (Máx. 12 linhas)
3. Esclareça qual/ Comente o papel da *ignorância* quando relacionada, pelo autor, com a informação e o saber. (Máx. 10 linhas)
4. Identifique, usando palavras suas, o defeito fundamental do ensino institucionalizado que leva João Lobo Antunes a usar a expressão «papas». (Máx. 8 linhas)
5. Sintetize as razões que levam o autor a fazer o elogio da dificuldade em oposição à «cultura da facilidade». (Máx. 8 linhas)

PARTE II

1. O texto abaixo apresenta irregularidades de vária ordem. Depois de o ler atentamente, reescreva-o com as devidas correções.

É frequente ouvir-se, que o progresso nunca foi tão rápido quanto agora e que em breve o mundo se tornará num lugar muito diferente. E nós podemos interrogarmo-nos: será que, diferente significa melhor? E melhor para quem? Se eu estiver a viver num país em guerra permanente, esse progresso chegará até mim? Haverá, por ventura, quem pense que uma coisa nada tem a haver com a outra. Porque razão o mundo em paz não pode continuar a investigar e a avançar? Não estamos a pensar apenas em satélites e no espaço. Pode até investigar-se uma forma de combater as injustiças e as desigualdades através da ciência e da sua divulgação. Senão for assim, o mundo parará. O facto de terem havido guerras no passado não travou o progresso na Europa. Pois é! Mas a verdade, é que, apesar de todo o progresso, o mundo continua a ser um lugar estranho e injusto para muitos. Importa ver-mos mais alguns exemplos: desde acerca de 50 anos que diversas vacinas que evitam a mortalidade infantil foram autorizadas, mas em muitos lugares do globo não têm havido condições para a sua administração devido à inexistência de condições básicas para a sua conservação. O acesso à educação continua, por cumprir em muitos países. A água é uma miragem para muitas pessoas. Falasse muito na sua escassez, mas há ainda muito por realizar para que ela chegue a todos e para todos.

2. Para cada uma das formas abaixo indicadas, escreva uma frase que exemplifique o seu uso correto.

- (a) à parte
- (b) aparte
- (c) darmos
- (d) dar-mos

3. Preencha, mantendo a coerência textual, os espaços em branco no texto que se segue, com os elementos de ligação que se indicam. Note que nem todos devem ser usados e que alguns se podem repetir.

De contrário/ para / ora/ quando/ perante/ então/ mas/ para/ pois/ antes de mais nada/ embora

Educação para a Independência do Pensamento

Não basta preparar o homem _____ o domínio de uma especialidade qualquer. Passará a ser _____ uma espécie de máquina utilizável, _____ não uma personalidade perfeita. O que importa é que venha a ter um sentido atento _____ o que for digno de esforço, e que for belo e moralmente bom. _____, virá a parecer-se mais com um cão amestrado do que com um ser harmonicamente desenvolvido, _____ só tem os conhecimentos da sua especialização. Deve aprender a compreender os motivos dos homens,

as suas ilusões e as suas paixões, para tomar uma atitude _____ cada um dos seus semelhantes e _____ a comunidade.

Estes valores são transmitidos à jovem geração pelo contacto pessoal com os professores, e não — ou pelos menos não primordialmente — pelos livros de ensino. São os professores, _____, que desenvolvem e conservam a cultura. São ainda esses valores que tenho em mente, _____ recomendo, como algo de importante, as «humanidades» e não o mero tecnicismo árido, no campo histórico e filosófico.

Albert Einstein, *Como vejo o Mundo*

<https://www.citador.pt/textos/educacao-para-a-independencia-do-pensamento-albert-einstein>

~

PARTE III

Num texto que não ultrapasse as duas páginas, escreva um comentário às ideias que a seguir se transcrevem:

«[N]ão é missão da escola fazer os alunos felizes. A felicidade é uma construção pessoal, uma procura sem fim ou limite, para a qual a escola deve fornecer o equipamento cognitivo e dar músculo às qualidades indispensáveis à jornada. Por isso afirmo que a ‘**escola fácil**’ não cumpre a missão de vos preparar para a **vida difícil**.»

João Lobo Antunes, «Elogio da dificuldade» (excerto), in *Numa Cidade Feliz — Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 1999

GRELHA DE COTAÇÃO DA PROVA

COTAÇÃO DA PROVA	
PARTE I	80 pontos / 8 valores
PARTE II	60 pontos / 6 valores
PARTE III	60 pontos / 6 valores